

A HOMILIA PAPAL DE 2014: CONGRUÊNCIA ENTRE ENUNCIÇÃO E ETHOS DISCURSIVO

Sandro Luis da SILVA³

Resumo: Este artigo apresenta uma análise linguístico-discursiva da homilia do Papa Francisco I proferida na missa de natal de 2014, considerando os aspectos da semântica global e endofóricos e sua contribuição para a constituição do ethos discursivo do enunciador. A referência teórica pauta-se em Maingueneau (2004, 2008, e 2014), além de Magalhães (2003), Orlandi (1987) e Carvalho (1993). Pela análise apresentada podemos concluir que os mecanismos de anáfora e catáfora não são simples repetições de termos, mas contribuem significativamente para a dinâmica discursiva e construção de sentido.

Palavras-chave: Homilia. Discurso. Elementos endofóricos. Ethos discursivo.

Abstract: *This paper presents a linguistic-discursive analysis of the Pope Francis' homily on Christmas Mass in 2014, considering the aspects of global semantics and endophoric and its contribution to the constitution of the discursive ethos of the enunciator . The theoretical framework is based on Maingueneau (2004, 2008 and 2014), Magellan (2003), Orlandi (1987) and Carvalho (1993). For the analysis presented, we can conclude that the mechanisms of anaphora and cataphora are not simple repetitions of terms, but contribute significantly for the discursive dynamics and construction of meaning.*

Keywords: *Homily. Speech. Endoforics elements. Discursive ethos.*

³ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP, graduação e mestrado em Estudos Linguísticos. Professor Adjunto de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. vitha75@gmail.com

Palavras iniciais

Um discurso pode ser analisado em diferentes perspectivas e com objetivos diversos e, para a realização da análise, é preciso considerar o momento em que ele é enunciado, uma vez que o aqui, o agora, quem enuncia, para quem e como enuncia são elementos que favorecem a construção para o sentido discursivo. E mais: a partir desses indicadores, constrói-se, também, a imagem desse enunciator, que, segundo Maingueneau (2002, 2008), constitui-se em *ethos* discursivo.

Nas várias esferas sociais, os sujeitos enunciam os diversos tipos de discursos que atendem à comunicação entre eles e seus pares, promovendo a interação. Temos a esfera jornalística, a didática, a publicitária, a jurídica, a religiosa, dentre várias outras, que não se excluem mutuamente, mas, pelo contrário, se complementam, favorecendo a comunicação entre os indivíduos.

Quando pensamos o discurso religioso, um dos gêneros pertencente a esta esfera é a homilia, que se constitui em um gênero discursivo que tem suas origens entre o povo bíblico de Israel; consistia em uma exposição familiar, uma 'conversa' e assistência entre os camponeses. Nessa direção, com o advento do Cristianismo, semelhante hábito é levado para dentro das sinagogas e era feita depois da leitura do texto bíblico. Essa tradição é a que vem se solidificando durante as cerimônias religiosas, como, por exemplo, na missa católica.

Os estudiosos tendem a classificar o discurso como lúdico, autoritário ou polêmico. É possível afirmar que o discurso religioso é um exemplo de autoritário, uma vez que a relação entre o enunciator e coenunciadores é marcada por uma acentuada restrição - o Papa, representante da voz de Deus, fala; cabe aos fieis ouvir. De acordo com Citelli (2004), o discurso autoritário é persuasivamente desejoso de aplainar as diferenças, faz com que as verdades de determinada Instituição sejam expressões da verdade de todos.

É certo que, ao longo da história, houve sempre a tentativa de analisar o texto religioso, separando o divino do humano, sem, contudo, considerar que o meio para divulgar, ler e interpretar este texto é sempre humano. Não há como, ao se realizar uma análise linguístico-discursiva de um texto, sem considerar a articulação das palavras, já que esta se constitui um dos mecanismos que promove(rá) os possíveis efeitos de sentido. Por meio da

organização da palavra, da frase, do texto, o enunciador procura instaurar uma ideia; não só: instaurar uma ideia e fazer com que o coenunciador acabe por aderir a ela.

Nosso objetivo, neste artigo, é analisar a homilia do Papa Francisco I (ver texto anexo), proferida na missa de Natal, que ocorreu no dia 24 de dezembro de 2014, levando em consideração os mecanismos linguístico-discursivos, sobretudo aqueles marcados pelas anáforas e catáforas e seus possíveis efeitos de sentido e, ainda, observar como essa construção reflete na constituição do *ethos* discursivo do enunciador.

Para atingir o que nos propusermos, utilizamos como suporte teórico Maingueneau (2004, 2008, 2010 e 2014) no que diz respeito ao discurso, ao *ethos* discursivo e aos elementos anafóricos e catafóricos, como recursos linguístico-discursivos e seus efeitos de sentido, além de Magalhães (2003) e Charolles (2012). Em relação ao discurso religioso, nossa análise pauta-se em Orlandi (1987). Os estudos de Carvalho (1993) são utilizados para referenciar a análise da homilia como gênero discursivo.

O artigo está dividido em duas grandes partes: na primeira apresentam-se, em linhas gerais, os principais aspectos teóricos que abordam o discurso religioso, os mecanismos linguístico-discursivos, em especial aqueles voltados para a anáfora, a catáfora e *ethos* discursivo. Em seguida, apresentamos a análise da homilia que se constitui nosso *corpus*, seguida das considerações finais e das referências.

Breves considerações teóricas

O discurso religioso e suas peculiaridades

O discurso religioso é considerado como um discurso autoritário, pois estabelece uma relação muito restrita entre enunciador e enunciatários. A voz de Deus está acima do plano humano, o que implica o não questionamento da voz atribuída a Ele. Na esfera religiosa, dizer é uma fórmula de imposição; os fiéis obrigatoriamente concordam com a palavra de Deus transmitida pelo Seu representante: padre, pastor, freira, papa, os quais se colocam como intermediários, mensageiros do Senhor.

De acordo com Maingueneau (2014, p. 70), “[...] dans la France dès XVII et XVIII siècles, le sermon catholique est une activité qui dure plus d’une heure, distincte de l’homélie, qui constitue un épisode de la messe”. Pelas palavras do autor, podemos perceber que existem

diferentes gêneros dentro da esfera discursiva religiosa, como exemplificam o sermão e a homilia.

É consenso entre os estudiosos que o discurso é permeado por ideologia(s), pois ela “faz parte, ou melhor, é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.” (ORLANDI, 2003, p. 43). Althusser (2001), por sua vez, afirma que a ideologia que subjaz a doutrina religiosa conduz o sujeito ao assujeitamento, já que ela é baseada na oposição entre salvação/castigo, fé/pecado, espiritual/material e, a partir dessas posições, o enunciador, transmissor da palavra de Deus, articula estratégias persuasivas.

Persuadir vai além de convencer, uma vez que a persuasão leva à ação. O desafio que se impõe ao enunciador religioso, por exemplo, é criar uma rede discursiva entre Deus e os fieis, fazendo com que estes deem credibilidade ao discurso do representante de Deus e, a partir dele, passem a agir conforme os preceitos cristãos.

Maingueneau (2008), ao abordar o discurso, diz que é preciso considerar a cenografia para que seja compreendido o possível efeito de sentido de um discurso. Para o autor, a cenografia está associada a duas cenas de fala: a englobante e a genérica. A primeira “corresponde ao tipo de discurso, a seu estatuto pragmático”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 115). No entanto, a cena englobante “não é suficiente para especificar as atividades discursivas nas quais se encontram engajados os sujeitos. Vemo-nos confrontados com gêneros do discurso particulares, com rituais sociolinguageiros que definem várias cenas genéricas”. (IDEM, p. 116).

A cena genérica, por sua vez, está relacionada ao gênero a que pertence o discurso. De acordo com Maingueneau (2004, p. 86), “cada gênero do discurso define seus próprios papéis [...]”. Cada gênero discursivo está associado a finalidades; existem regras de participação do sujeito, as quais promoverão a interação, de um modo de inscrição dentro de uma temporalidade, um suporte, a uma composição e, ainda, ao uso específico de recursos linguísticos.

As cenas englobante e genérica acabam por se definir, em conjunto, como o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido. Para Maingueneau, “a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (IDEM, p. 86).

Para que seja construído um possível sentido no discurso da homilia a que nos propusemos analisar, é preciso considerar o gênero e sua enunciação, incluindo, evidentemente, as cenas propostas por Maingueneau (2014, p. 129), que afirma: “Énoncer, ce n’est pas seulement ativer les normes d’une institution de parole préalable, c’est construirei sue cette base une misse en scène singulière de l’énonciation: une scénographie”. Cabe ao analista do discurso, assim, observar todos os aspectos que constituem a enunciação para que possa observar os possíveis efeitos de sentido de um dado discursivo naquele momento enunciativo.

O gênero discursivo homilia e o *ethos* discursivo

De acordo com Maingueneau (2008), cada discurso possui um corpo próprio, um corpo textual que não é visto, mas que se encontra disseminado em todos os planos discursivos. Quando se trata de texto escrito, é preciso lembrar que ele também possui um tom que lhe dá autoridade, credibilidade ao que é dito, permitindo ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador, criando uma imagem daquele que enuncia, ou seja, construindo um “ethos” daquele que enuncia a partir de seu discurso.

Pactuando com Maingueneau, entendemos que

A noção de *ethos* permite ainda refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos ao ponto de vista defendido por um discurso, processo particularmente evidente no caso do discurso como a publicidade, a filosofia, a literatura, a política, que - diferentemente dos que não são parte de gêneros ‘funcionais’ como os formulários administrativos ou os manuais de instruções - devem conquistar um público que tem o direito de ignorá-los ou recusá-los. Todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma vocalidade específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciados (e não, está claro, do corpo do locutor extradiscursivo), a um fiador que, por meio de seu tom, atesta o que é dito: o termo tom tem vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral. Isso significa que optamos por uma concepção primordialmente “encarnada” do *ethos*, que, dessa perspectiva, abrange não apenas a dimensão verbal, mas igualmente o conjunto de determinadas características físicas e psíquicas vinculadas “ao fiador” pelas representações coletivas. (MAINGUENEAU, 2006, p. 271).

O *ethos* discursivo, então, é uma voz e um corpo relacionados a uma enunciação, pois, como vimos, o gênero implica um papel que determina a imagem que o enunciador tem de si e que o coenunciador constrói na enunciação daquele que enuncia.

E, esse *ethos* discursivo acaba por designar uma ação sobre o coenunciador, que incorpora e assimila um conjunto de esquemas que inscrevem esse sujeito em um determinado contexto. Essa “incorporação” processada por ele leva-o à constituição de um “corpo”, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso.

O autor francês pretende, assim, analisar o discurso como realidade inseparável de seu contexto de produção, fazendo parte de tal contexto o próprio interdiscurso. Ele considera o universo discursivo e o campo discursivo. O primeiro se caracteriza pelo conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem em um dado momento; o segundo como as formações discursivas que se encontram em concorrência em uma região determinada do universo discursivo. É no interior desse campo que se constitui o discurso, que se manifesta por meio de gênero.

Ao recorrermos aos gêneros dentro da esfera religiosa, podemos, então, pensar a homilia. Etimologicamente, do grego, a palavra “homilia” significa reunião, conversa familiar; trata-se de um gênero discursivo caracterizado pela reflexão derivada dos textos bíblico-litúrgicos ligados à instrução e edificação dos fieis (CARVALHO, 1993).

De acordo com a tradição cristã, a homilia constitui-se em uma prática discursiva recorrente entre os apóstolos, a qual passa a ser uma prática integrante da liturgia, segundo o Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965.

Com o passar do tempo, a homilia passa a ser compreendida como uma pregação cristã que ocorre no âmbito de uma celebração litúrgica. Nessa concepção, ela é uma pregação que deve reunir e refletir os traços e os elementos essenciais de toda a liturgia.

A realização de uma homilia depende de alguns fatores para que seja construído um sentido entre enunciador e seus coenunciadores. De acordo com Carvalho (1993), podemos enumerar os seguintes fatores: exegese (que utiliza aspectos linguísticos e históricos para explicar a palavra); situar o acontecimento, favorecendo informações para que o texto seja compreendido; tomada de consciência da situação (recontextualiza um determinado fato, estabelecendo uma relação entre passado-presente); anúncio (fazer com que o fiel descubra o significado em relação ao dizer); catequese (torna presente a ação divina); testemunho (afirmação da fé, da esperança e das iniciativas de caridade), e, exortação (palavra tomada para a edificação dos fieis de modo que se estabeleçam relações de fraternidade).

A homilia é prática religiosa cristã, a qual proclama a salvação por ordem de Deus. Ressalte-se o fato de que através da homilia, a Igreja Católica pretende pronunciar ao mundo uma palavra capaz de promover a justiça, a unidade, a paz e a defesa da vida.

O gênero discursivo homilia remete à ideia de poder, que, segundo Bourdieu (2003, p. 43), o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo”, materializando a prática social.

Ao proferir a homilia, o pregador leva os fiéis a construir uma imagem daquele que fala, ou seja, constrói-se o *ethos* discursivo, que, segundo Maingueneau (2008, p. 60), “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* dos enunciados antes mesmo que ele fale”. É a cena da enunciação que irá conformar ou não esse *ethos* pré-discursivo, constituído pelo gênero a que pertence o texto e ao próprio posicionamento ideológico dos interlocutores.

Anáfora e a catáfora no processo discursivo

No processo de articulação do discurso, vários podem ser os mecanismos que levem o enunciador à construção de enunciado que produza efeitos de sentido diversos. Dentre eles, podemos citar a anáfora e a catáfora, mecanismos sobre os quais muito já foi dito. Vários são os autores que mostram o funcionamento dessas duas estratégias linguístico-discursivas como das mais utilizadas e eficazes para progressão discursiva, como, por exemplo, Maingueneau (2004), Koch e Marcuschi (1998).

Nesta parte do artigo, vamos apenas resgatar os principais aspectos que os permeiam, a fim de evidenciar como serão resgatados na análise de nosso *corpus*.

Antes de abordarmos o tema dessa seção propriamente dito, é preciso considerar as questões relacionadas à referência, que diz respeito aos itens da língua que se relacionam a outros elementos necessários à sua interpretação. Existem dois tipos de referência: a situacional, cuja remissão é feita a alguns elementos que se encontram fora do texto e a textual, em que a remissão é feita nos limites do próprio texto no qual o referente está situado.

A referenciação constitui-se como uma atividade discursiva em que

[...] o sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido (KOCH, 2004, p. 61).

A anáfora e a catáfora, chamados de endofóricos (MAINGUENEAU, 2004), constituem elementos de coesão, conferindo ao discurso uma unidade de sentido e contribuindo para a construção de possíveis sentidos. Há muito que esses recursos deixaram de ser simplesmente elementos de retomada ou de antecipação de um referente, isto é, de um objeto de discurso.

Para Marcuschi, as anáforas são

expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões nominais [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm das funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes [até aí não nomeados explicitamente] e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2005, p. 59).

Dentro de uma concepção discursiva, que é a adotada neste artigo, a anáfora não é mais repetição de palavras e/ou expressões. De acordo com o linguista (idem, p. 55),

[...] hoje, na acepção técnica, [o conceito de anáfora] anda longe da noção original [...]. [Este] termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdo ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial.

Podemos afirmar, então, que a anáfora, na abordagem discursiva possibilita a recategorização de referentes, que é a reativação de um objeto anteriormente ativado na realidade discursiva.

Existem, ainda, os elementos correferenciais que são dois itens de formas diferentes ou iguais, que ativam o mesmo referente. Há uma correferência entre duas expressões quando elas designam no discurso o mesmo referente.

Apothéloz (2003) traz algumas classificações dos elementos endofóricos, como, por exemplo, anáfora fiel/infiel, anáfora por nomeação, anáfora por silepse, anáfora associativa, anáfora redutiva. Além dessas, Maingueneau (2004) aponta a anáfora lexical e a

correferência. Como dissemos anteriormente, não os ateremos na explicação e/ou discussão de cada uma delas, tendo em vista que nosso objetivo é apresentar a análise da homilia de Natal de 2014 proferida por Francisco I.

Os procedimentos linguístico-discursivo na homilia e a constituição do *ethos* discursivo

Para a análise do *corpus*, optamos como categoria os planos de semântica global, mais especificamente o vocabulário, o tema, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, além dos elementos endofóricos (anáforas e catáforas).

A construção da cena traz o relato do nascimento de Jesus, representado metaforicamente pela expressão “grande luz”, a qual é capaz de cancelar “o peso da derrota e a tristeza da escravidão”. O enunciador inicia a homilia recorrendo ao texto bíblico, ratificando o espírito cristão que vivenciado naquela celebração.

A homilia é construída em primeira pessoa - do singular e do plural, sendo que esta segunda predomina, como demonstram as marcas linguísticas utilizadas no texto - “nós”, “nos”, “nosso” - caracterizado um “eu” inclusivo. Isto é, ele se insere naquele espaço discursivo, em que o tempo todo remete os coenunciadores ao nascimento de Jesus, mas sem deixar de fazer um contraponto com a realidade por que passa o cristão, como exemplifica a seguinte passagem:

Também nós, nesta noite abençoada, viemos à casa de Deus atravessando as trevas que envolvem a terra, mas guiados pela chama da fé que ilumina os nossos passos e animados pela esperança de encontrar a ‘grande luz’ (2. parágrafo da homilia).

O “nós” caracteriza-se como um sujeito coletivo. Como aponta Benveniste (apud MAINGUENEAU, 2004, p. 48), “é um eu expandido para além da pessoa estrita, ao mesmo tempo aumentado e com contornos vagos”. Esse recurso linguístico leva-nos a inferir que, naquele momento da enunciação do Papa, o fiel, coenunciador da homilia, constrói o *ethos* daquele que enuncia, identificando-se na mesma hierarquia, embora ele tenha consciência de que o Papa seja o representante da voz de Deus no plano terreno.

Até o sexto parágrafo da homilia, ele utiliza a primeira pessoa do plural. Mas, num momento de reflexão, de questionamento, ele se vale do “eu”, como se ali houvesse uma volta para a introspecção, para o interior de cada um e refletisse a sua relação com o outro. Ele faz

com que cada um se assuma como fiel, como “filho de Deus”, a Quem se deve responder. O “eu” destina-se ao lugar de cada um dos ouvintes da homilia, fazendo com que eles assumam o tema trazido naquela noite de natal para a celebração cristã. O enunciador provoca o leitor à reflexão.

Podemos inferir que, desde o início da homilia, o enunciador procura explicitar a necessidade de agir de acordo com os princípios cristãos, como pede Deus. Ele convoca os fiéis a (re)pensar as atitudes que eles têm/tiveram/terão e devem/deverão ter em seu dia a dia. As trevas imperam, mas elas podem se afastar com a “grande luz”. É ambivalência trevas x luz, pecado x salvação que permeia o pensamento cristão e que se faz presente discursivamente naquela enunciação.

É importante observar, também, o papel do tempo na constituição da cenografia. Maingueneau (1997) associa à ideia de lugar o fator tempo, uma vez que, para ele, “o discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e, intrinsecamente, um efeito de enunciado.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 33).

Na homilia, encontramos elementos linguísticos (dêiticos discursivos) que apontam para o momento de sua produção, como exemplificam as expressões “desta santa noite de natal”, “esta noite abençoada” e “nesta noite santa”. Elas fazem uma referência temporal, a qual é, pressupostamente, conhecida pelo coenunciador: A noite de Natal, quando se comemora o nascimento de Cristo. O enunciador - Papa Francisco - se vale predominantemente do tempo presente do indicativo. Segundo Maingueneau (1997, p. 35), “a enunciação - e os elementos que a constituem - não é uma cena ilusória em que seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem”.

Ao instaurar o tempo (“nesta santa noite”), o enunciador começa a revelar seu *ethos* discursivo, construindo uma imagem positiva de si. Ressalte-se, ainda, que ele recorre ao pronome demonstrativo (“esta”), que associa a uma embreagem do vocábulo com o substantivo (“noite”), que possui um significado independentemente da situação de enunciação. (MAINGUENEAU, 2004).

E, dentro da perspectiva discursiva, um dos recursos utilizados pelo autor é a anáfora, que, como apontamos anteriormente, constitui-se em um recurso cuja função é retomar uma unidade de texto por outra, contribuindo para a progressão discursiva e temática e para a

própria construção do sentido discursivo. A catáfora, por sua vez, caracteriza-se pelo procedimento em que o termo que retoma precede o retomado. (MAINGUENEAU, 2004).

Várias são as passagens da homilia em que se fazem presentes esses dois recursos. Vejamos alguns deles

[...] Quando os anjos anunciaram aos pastores o nascimento do Redentor, fizeram-no com estas palavras: Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” (Lc, 2, 12).

O fragmento apresenta três casos interessantes de anáfora. O primeiro é em relação ao pronome “n(o)”, que se constitui em uma anáfora redutiva, já que retoma a oração anterior que se refere ao anúncio do “nascimento do Redentor”. Também ocorre anáfora em relação à palavra “menino”, que retoma “Redentor”. Neste caso, temos uma anáfora que possui uma dimensão com o mesmo significado. Este é um exemplo em que temos designações diferentes que se referem ao mesmo ser. Caracteriza-se como designação correferencial. Nesta linha de pensamento, considerando o mesmo referente (Menino Jesus), o enunciador utiliza: “Salvador” (1. parágrafo), “Menino Jesus”(6. parágrafo), “O Menino” (6. parágrafo). Por meio destes recursos, procura conduzir o olhar do coenunciador para determinado elemento tópico, no caso, o nascimento de Jesus, como já apontamos, evento que marca a fé cristã.

E temos um caso de catáfora, pois “estas palavras” constitui-se em uma expressão cataforizante que antecipa a frase seguinte, criando uma expectativa nos coenunciadores.

Ainda em relação ao 6. parágrafo, o uso do artigo definido “o” que antecede as duas primeiras referências caracteriza a existência de um único salvador, Jesus. Trata-se de descrição autônoma (MAINGUENEAU, 2004), uma vez que, para o fiel católico, considerando o contexto, um único referente que corresponde a essas propriedades.

Interessante observar as passagens a que se refere o substantivo “menino”. No 5. parágrafo da homilia, o enunciador utiliza um artigo indefinido antecedendo o nome (um menino); no parágrafo seguinte, vale-se de um artigo definido (o menino) e no último período deste parágrafo recorre mais uma vez a este tipo de artigo (o menino). De uma descrição indefinida, tendo em vista o contexto em que está inserido o discurso, ele passa para uma definida, pressupondo que o coenunciador já tenha conhecimento do nome a que ele se refere, conhecimento trazido pelo próprio discursivo constituído naquele momento enunciativo.

Como aponta Maingueneau, o coenunciador “tem o direito de presumir que esse referente é único e acessível a partir do contexto [...]” (MAINGUENEAU, 2004, 183). A continuidade do(s) referente(s) é responsável pela construção do sentido do discurso.

Outras passagens ainda podem contribuir com nossa análise, como, por exemplo, no 8. parágrafo, em que encontramos um caso interessante de catáfora: “A resposta do cristão não pode ser diferente da que Deus dá à nossa pequenez. A vida deve ser enfrentada com bondade, com mansidão”. O enunciador utiliza o pronome demonstrativo *a* (de + a), antecipando que como a vida deve ser enfrentada, segundo ele: "com bondade, com mansidão". Evidencia-se nessa passagem a constituição do *ethos* discursivo de um cristão, que está espelhado nos princípios que norteiam a vida do homem; o ser humano precisa ser consciente de sua pequenez, e trazer a bondade em seu coração, a fim de se tornar digno de Deus.

Evidencia-se, ainda, que a catáfora, também neste exemplo, é caracterizada como um recurso de coesão; além disso, o enunciador expressa seu ponto de vista, isto é, o modo de como viver, caracterizando um recurso argumentativo, já que faz escolha de termos consoante aos preceitos cristãos. Observa-se que o uso desse mecanismo linguístico-discursivo, a catáfora, também contribui para a construção do discurso e sua organização. O demonstrativo assume, ainda, um poder dêitico, mostrando que "Deus" deseja que o homem aja diferentemente de como está agindo, apontando para uma diferença significativa entre o dever ser e o ser.

A catáfora e a anáfora caracterizam, assim, como elementos responsáveis pela progressão referencial e contribuem para a construção do discurso; elas estabelecem relações de sentido para a organização discursiva, apresentando certa potencialidade argumentativa. É preciso lembrar que a referenciação não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas ela perpassa pelo processo cognitivo de construção de sentido em cada situação enunciativa.

As anáforas marcadas pelo pronome pessoal (anáforas canônicas) dão continuidade ao tema proposto, caracterizando como um meio de ativação de objeto de discurso. Vejamos outras passagens da homilia:

“[...] O ‘sinal’ é a humildade de Deus levada ao extremo; é o amor com que Ele, naquela noite, assumiu nossa fragilidade [...]”. (5. parágrafo);

“[...] Porém a coisa mais importante não é procurá-Lo, mas deixar que seja Ele a encontrar-me [...]”(6. parágrafo);

“[...] Quando nos damos conta de que Deus-Se enamorou da nossa pequenez, de que Ele mesmo Se fez pequeno...”(8. parágrafo);

“[...] Mas Ele não podeis renunciar, [...]”(8. parágrafo)

Nas quatro passagens em que aparece o pronome pessoal “Ele”, há uma referência a Deus, que ganha sentido no contexto, tornando-se um objeto de discurso e contribuindo para a progressão textual. Esses exemplos evidenciam que a anáfora não é simplesmente a retomada de um termo. No caso, ao introduzir a referência a Deus, acaba por introduzir um novo tópico discursivo, tendo em vista que o tópico inicial era o nascimento de Jesus. Dessa forma, a anáfora contribui para a manutenção de um dado tópico, favorecendo a não repetição de determinadas palavras.

O *ethos* discursivo de um enunciador cristão se evidencia pelas escolhas lexicais que ele faz no decorrer da homilia: bondade, humildade, paciência, dentre outros, que remetem à doutrina cristã. São os princípios que norteiam a ação de Deus, na qual o homem deve se espelhar. Agindo dessa forma, de acordo com o enunciador, o ser humano será capaz de encontrar a “grande luz”, referência que ele faz ao pensamento de Cristo.

Na passagem “A resposta do cristão não pode ser diferente da que Deus dá à nossa pequenez [...]”, fica evidenciada a oposição do enunciador, que nos apresenta um elemento avaliativo e que confirma o que está nas Escrituras. Tanto que ele recorre a várias passagens da Bíblia, como, por exemplo, Isaias e Lucas (1. parágrafo), Gênesis (2. parágrafo), para ratificar os valores que apresenta na homilia. Revela-se o *ethos* discursivo de um enunciador que tem consciência dos valores humanos, que parecem se perder no mundo atual, os quais podem, no entanto, ser resgatados, tendo em vista a “paciência de Deus”, que fica à espera dessa conversão do homem.

Palavras Finais

Ao longo deste artigo, procuramos refletir sobre a constituição do *ethos* discursivo a partir da utilização de mecanismos linguístico-discursivo, como, por exemplo, a anáfora e a catáfora, valendo-nos, sobretudo, os preceitos trazidos por Maingueneau.

O *corpus* escolhido foi a homilia proferida pelo Papa Francisco I, durante a missa de Natal realizada no dia 24 de dezembro de 2014. Pudemos constatar que o discurso do Papa procurou levar o coenunciador a refletir sobre a(s) possibilidade(s) de reverter a situação em que se encontra a sociedade. Ele, por meio de elementos persuasivos, leva o cristão a construir uma imagem de um pastor que acredita no outro, de um representante de Deus capaz de ter a paciência, tal qual tem Deus, de esperar que o homem espelhe-se em Deus, colocando em seu coração a bondade, a paciência, a generosidade. A homilia proferida na noite de natal revela um *ethos* discursivo de um enunciador que acredita que o fiel irá enfrentar as adversidade e encorajar-se a mudar, a transformar-se, levando em seu cotidiano as práticas sugeridas por ele.

Por meio de procedimentos anafóricos e catafóricos, o enunciador leva o coenunciador a construir um *ethos* que possui competência necessária para operar as transformações da vida do fiel, que lhe atribui credibilidade. O discurso é o lugar em que o *ethos* se constitui e, como vimos, possui uma voz e uma corporalidade na enunciação.

A homilia proferida pelo Papa Francisco revela questões axiológicas, levando o coenunciador a construir uma imagem de um homem sábio, compreensivo, ganhando reconhecimento e credibilidade dos fieis. Evidentemente que ele, no caso os fieis católicos, já tem construída a imagem do *ethos* do Papa, representada pelos estereótipos sociais. No momento da enunciação, o coenunciador constrói uma imagem do enunciador e outra simbólica e subjetiva de Deus (“ser paciente”). Ao recorrer às passagens bíblicas, às anáforas e às catáforas com procedimentos discursivos, resgatando ou antecipando valores, leva os coenunciadores a legitimar sua fala.

Referências

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso*: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: MAGALHÃES, M, RODRIGUES, B. e CIULIA, A (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BOURDIEU, P. *A reprodução*. 4. ed. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis; Vozes, 2003.

CARVALHO, D. *Homilia*: a questão da linguagem na comunicação oral. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V. et al. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Discours et analyse du discours* - introduction. Paris: Armand Colin, 2014.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio V. Barbosa e Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

ORLANDI, E. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.

Anexo - A homilia Papal da Missa de Natal, 24 de dezembro de 2014

«O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles» (Is 9, 1). «Um anjo do Senhor apareceu [aos pastores], e a glória do Senhor refulgiu em volta deles» (Lc 2, 9). É assim que a Liturgia desta santa noite de Natal nos apresenta o nascimento do Salvador: como luz que penetra e dissolve a mais densa escuridão. A presença do Senhor no meio do seu povo cancela o peso da derrota e a tristeza da escravidão e restabelece o júbilo e a alegria.

Também nós, nesta noite abençoada, viemos à casa de Deus atravessando as trevas que envolvem a terra, mas guiados pela chama da fé que ilumina os nossos passos e animados pela esperança de encontrar a «grande luz». Abrindo o nosso coração, temos, também nós, a possibilidade de contemplar o milagre daquele menino-sol que, surgindo do alto, ilumina o horizonte.

A origem das trevas que envolvem o mundo perde-se na noite dos tempos. Pensemos no obscuro momento em que foi cometido o primeiro crime da humanidade, quando a mão de Caim, cego pela inveja, feriu de morte o irmão Abel (cf. Gn 4, 8). Assim, o curso dos séculos tem sido marcado por violências, guerras, ódio, prepotência. Mas Deus, que havia posto suas expectativas no homem feito à sua imagem e semelhança, esperava. O tempo de espera fez-se

tão longo que a certo momento, quiçá, deveria renunciar; mas Ele não podia renunciar, não podia negar-Se a Si mesmo (cf. 2 Tm 2, 13). Por isso, continuou a esperar pacientemente face à corrupção de homens e povos.

Ao longo do caminho da história, a luz que rasga a escuridão revela-nos que Deus é Pai e que a sua paciente fidelidade é mais forte do que as trevas e do que a corrupção. Nisto consiste o anúncio da noite de Natal. Deus não conhece a explosão de ira nem a impaciência; permanece lá, como o pai da parábola do filho pródigo, à espera de vislumbrar ao longe o regresso do filho perdido.

A profecia de Isaías anuncia a aurora duma luz imensa que rasga a escuridão. Ela nasce em Belém e é acolhida pelas mãos amorosas de Maria, pelo afecto de José, pela maravilha dos pastores. Quando os anjos anunciaram aos pastores o nascimento do Redentor, fizeram-no com estas palavras: «Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 12). O «sinal» é a humildade de Deus levada ao extremo; é o amor com que Ele, naquela noite, assumiu a nossa fragilidade, o nosso sofrimento, as nossas angústias, os nossos desejos e as nossas limitações. A mensagem que todos esperavam, que todos procuravam nas profundezas da própria alma, mais não era que a ternura de Deus: Deus que nos fixa com olhos cheios de afecto, que aceita a nossa miséria, Deus enamorado da nossa pequenez.

Nesta noite santa, ao mesmo tempo que contemplamos o Menino Jesus recém-nascido e reclinado numa manjedoura, somos convidados a reflectir. Como acolhemos a ternura de Deus? Deixo-me alcançar por Ele, deixo-me abraçar, ou impeço-Lhe de aproximar-Se? «Oh não, eu procuro o Senhor!» – poderíamos replicar. Porém a coisa mais importante não é procurá-Lo, mas deixar que seja Ele a encontrar-me e cobrir-me amorosamente das suas carícias. Esta é a pergunta que o Menino nos coloca com a sua mera presença: permito a Deus que me queira bem?

E ainda: temos a coragem de acolher, com ternura, as situações difíceis e os problemas de quem vive ao nosso lado, ou preferimos as soluções impessoais, talvez eficientes mas desprovidas do calor do Evangelho? Quão grande é a necessidade que o mundo tem hoje de ternura!

A resposta do cristão não pode ser diferente da que Deus dá à nossa pequenez. A vida deve ser enfrentada com bondade, com mansidão. Quando nos damos conta de que Deus Se enamorou da nossa pequenez, de que Ele mesmo Se faz pequeno para melhor nos encontrar,

não podemos deixar de Lhe abrir o nosso coração pedindo-Lhe: «Senhor, ajudai-me a ser como Vós, concedei-me a graça da ternura nas circunstâncias mais duras da vida, dai-me a graça de me aproximar ao ver qualquer necessidade, a graça da mansidão em qualquer conflito».

Queridos irmãos e irmãs, nesta noite santa, contemplamos o presépio: nele, «o povo que andava nas trevas viu uma grande luz» (Is 9, 1). Viram-na as pessoas simples, dispostas a acolher o dom de Deus. Pelo contrário, não a viram os arrogantes, os soberbos, aqueles que estabelecem as leis segundo os próprios critérios pessoais, aqueles que assumem atitudes de fechamento. Olhemos o presépio e façamos este pedido à Virgem Mãe: «Ó Maria, mostrai-nos Jesus!»

(fonte:

http://pt.radiovaticana.va/news/2014/12/25/homilia_do_papa_francisco_na_noite_de_natal/1115999)